

## CONTRIBUIÇÃO À QUESTÃO OPERÁRIA: ABORDAGEM PRELIMINAR DAS RELAÇÕES ENTRE CLASSE, LUTA DE CLASSE E CONSCIÊNCIA DE CLASSE.

Nair Heioísa Bicalho de Sousa\*

### I

Eis aqui um tema audacioso. Certamente não se pretende esgotá-lo, tanto que a proposta é de realizar uma abordagem preliminar que permita apontar alguns aspectos polêmicos da questão operária numa perspectiva teórica. Trata-se, na verdade, de um exercício, uma discussão que se dispõe a recolher algumas contribuições consideradas expressivas e, ao mesmo tempo, subsidiam a ordenação dos dados de uma pesquisa sobre classe operária que pretende focar a *greve* como ponto de referência do movimento operário.

Nessas condições, este trabalho tenta responder, como ponto de partida, a uma indagação sobre o papel do proletariado no processo de transformação da sociedade capitalista. Esta colocação, ainda genérica, tem dado origem a respostas diferenciadas, e, ao limite, interessa particularizá-la, para refletir sobre a atuação concreta da classe operária no atual estágio da formação econômico-social brasileira. Um objetivo bastante concreto que necessita da

articulação teórica para encontrar as mediações entre a praxis proletária e o modo de produção vigente.

### II

MARX não tem uma teoria de classe. Da aproximação progressiva do conceito de classes sociais, de *O Manifesto, de 1848*, até *O Capital*, decorrem as formações de seus seguidores. A resposta de THEOTÔNIO DOS SANTOS<sup>1</sup> é de se fazer o caminho inverso, ou seja, partir da obra onde Marx apresenta o conceito em seu nível mais abstrato (ao nível de modo de produção) para os textos onde o conceito aparece num nível concreto ("Lutas de classe na França," por exemplo). Vejamos como o autor coloca o problema: "*O primeiro nível em que devemos situar o conceito de classe é a análise do modo de produção. O conceito de classes aparece como resultado da análise das forças produtivas (nível tecnológico dos meios de produção e organização da força de trabalho) e das relações de produção (relações que os homens estabelecem entre si no processo da produção social). Estas forças produ-*

\* A autora é socióloga e doutoranda do programa de sociologia da USP.

1. Theotônio dos SANTOS. *O conceito de classes sociais*.

vas e estas relações de produção assumem certos modos possíveis de relação na história. Estes modos possíveis de relação são essencialmente contraditórios quando as relações de produção se constituem em base da propriedade privada. Este caráter contraditório define as leis gerais do funcionamento e desenvolvimento dos modos de produção classistas.

Desta forma, a análise do modo de produção supõe uma certa dinâmica própria deste modo de produção cujos componentes são antagônicos. As classes sociais são uma expressão fundamental dessas relações antagônicas. Em consequência, o conceito de classes sociais se constitui teoricamente, dentro do conceito de luta de classes. A luta de classes é, pois, o conceito-chave para se compreender as classes sociais. Por este motivo, o conceito de classes impõe uma análise essencialmente dialética.

A luta de classes está relacionada diretamente com a superação de uma determinada formação social (modo de produção, mas político e cultural). Desse modo, só se pode compreender o conceito no contexto das contradições e leis de desenvolvimento interno de um determinado modo de produção e de uma determinada formação social. Neste nível da análise se integra o conceito de consciência de classe. O conceito de consciência de classe no marxismo não corresponde à idéia vulgar

empírica da consciência que têm os indivíduos de sua condição de classe. Uma das conquistas básicas da ciência social marxista se define na frase do prólogo da *"Contribuição à Crítica da Economia Política"*: 'Assim como não podemos tão pouco julgar estas épocas de revolução por sua consciência, mas ao contrário, deve-se explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção...'. Cumpre mostrar as possíveis formas antagônicas de consciência que correspondem a determinados modos de produção. Não se trata do que os homens pensam num determinado momento. Trata-se de descrever teoricamente as formas possíveis de consciência. A consciência empírica ou psicológica dos homens pode estar mais ou menos próxima delas. (...) Importa estudar as classes e a consciência de classe a nível altamente abstrato e ao mesmo tempo com referência a uma formação histórica concreta<sup>2</sup>.

Com esta colocação de SANTOS, abre-se a discussão sobre as relações entre classe, luta de classe e consciência de classe enquanto elementos fundamentais para a compreensão do papel da classe trabalhadora no sistema capitalista.

SILVEIRA, em sua obra crítica da postura althusseriana, afirma que "as classes sociais determinam-se recipro-

---

2. Ibidem, p. 19-20.

camente, e, se essa determinação se faz contradição – daí luta de classe – é porque esta determinação se dá além dos limites estreitos das classes tomadas em si mesmas, relacionando-se consigo mesmas, mas naquele das classes determinadas e determinando um modo de produção. Neste momento fica difícil a distinção entre o sujeito e o objeto, entre o natural e o social; o caráter histórico do modo de produção está precisamente nesta imbricação que transforma os dois 'pólos' numa unidade indissolúvel"<sup>3</sup>. Nesta colocação, reitera-se a posição de SANTOS e recupera-se a contribuição de ENGELS no sentido de compreender as classes sociais como componente estrutural, sendo a superestrutura uma resultante das lutas políticas de classe (sujeito da História).

Discutindo esta temática, SILVEIRA posiciona-se: "as relações de classe (as lutas de classe) e, por conseguinte, as classes sociais, são elas próprias um componente da estrutura social. E um componente de tal ordem que se constituem no êmbolo desta estrutura, porque são seu 'elemento' vivo. Não há estruturas e classes, mas estrutura de classe. As classes sociais e as lutas de classe são tidas como o 'sujeito' porque elas constroem as estruturas e, fazendo isso, constroem a si mesmas"<sup>4</sup>.

A resposta final, diz ele, está com o próprio MARX : "os homens (classes sociais) fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias (estruturas) de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado".<sup>5</sup>

No Capital, MARX aprofunda sua reflexão sobre a natureza do sistema capitalista: "Já vimos que é tendência constante e lei de desenvolvimento do regime capitalista de produção estabelecer um divórcio cada vez mais profundo entre os meios de produção e o trabalho e concentrar os meios de produção dispersos em grupos cada vez maiores; ou seja, transformar o trabalho em trabalho assalariado e os meios de produção em capital"<sup>6</sup>. Esta colocação subsidia o debate no sentido de revelar a própria natureza do capitalismo, incapaz de conciliar interesses antagônicos, tais como os do capitalista e dos trabalhadores.

No Manifesto Comunista, de 1848, MARX assinala a presença desta diferenciação de interesses desde a implantação do modo capitalista de produção: "Nossa época, a época da burguesia, se distingue sem dúvida por ter simplificado as contradições de classe. Toda a sociedade vai se dividindo cada vez mais em dois grandes campos ini-

3. Paulo A. SILVEIRA, *Do lado da História*, p. 132.

4. *Ibidem*, p. 132.

5. Karl MARX, *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*.

6. *Idem*, *O Capital*, p. 1012.

*migos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado*"<sup>7</sup>. Nesta colocação, MARX expõe com clareza a dialética das relações proletariado/burguesia num processo de enfrentamento permanente cuja superação levará provavelmente à implantação da sociedade socialista.

Ainda nesse texto, Marx apresenta as fases da luta do proletariado na sociedade capitalista: inicialmente o esforço de operários isolados, depois a luta de trabalhadores de uma fábrica e finalmente a união de profissionais de uma dada localidade contra o burguês explorador. De sua parte, o desenvolvimento industrial aumenta o número de operários, concentra as massas, aumentando sua força e consciência. Formam-se coalisões contra os burgueses na defesa de melhores salários. O resultado das lutas não é a vitória imediata, mas a união dos trabalhadores. Os próprios meios de comunicação favorecem o contato entre os operários permitindo a centralização das lutas a nível nacional, uma verdadeira luta de classes.

É em Miséria da Filosofia, publicada um ano antes do Manifesto, onde aparece uma colocação mais articulada sobre este processo de organização e ação proletária: "A grande indústria concentra, em um mesmo lugar, uma massa de pessoas que não se conhecem entre si. A concorrência divide seus interesses. Mas a defesa do salá-

rio, esse interesse comum a todas elas perante seu patrão, os une em uma idéia comum de resistência: a coalisão. Portanto, a coalisão persegue sempre uma dupla finalidade: acabar com a concorrência entre os operários para poder fazer uma concorrência geral aos capitalistas. Se o primeiro fim da resistência se reduzia à defesa do salário, depois, à medida que por sua vez os capitalistas se associam movidos pela idéia da repressão, as coalisões inicialmente isoladas formam grupos, e a defesa pelos operários de suas associações, diante do capital sempre unido, acaba sendo para eles mais necessária que a defesa do salário.

A tal pondo isto é certo que os economistas ingleses assombraram-se ao ver que os trabalhadores sacrificavam boa parte do salário em favor de associações que, a juízo desses economistas, se haviam fundado exclusivamente para lutar em prol do salário. Nessa luta – verdadeira guerra civil – vão-se unindo e desenvolvendo todos os elementos para a batalha futura. Ao chegar a esse ponto, a coalisão toma caráter político. As condições econômicas transformaram primeiro a massa da população do país em trabalhadores. O domínio do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, pois, essa massa já é uma classe relativamente ao capital, mais ainda não é uma classe para si. Na luta, da qual não assinalamos mais que algumas fases, essa massa

7. Frederico ENGELS e Karl MARX, *Manifesto Comunista*, p. 22.

*se une, constituindo-se uma classe em si. Os interesses que defende convertem-se em interesses de classe. Mas a luta de classe contra classe é uma luta política*"<sup>8</sup>.

Neste trecho, fica explícita a passagem da luta proletária do nível econômico (classe em si) para o político (classe para si), ou seja, a capacidade de o proletariado elaborar um projeto de existência social de acordo com seus interesses de classe. Certamente, os meios utilizados pelos trabalhadores ingleses do século passado (coalisões) são hoje representados pelos sindicatos, os quais têm como finalidade básica a luta pela melhoria das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores. Porém, a colocação de MARX vai mais longe: não pretende apenas instrumentalizar os operários para conquistas econômicas dentro da sociedade capitalista, porém mostra o alcance das lutas operárias levadas a termo, ou seja, tendo como finalidade a tomada do poder político: "(...) o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é a luta de uma classe inteira contra outra classe, luta que, levada à sua mais alta expressão, implica numa revolução total"<sup>9</sup>.

Em A Sagrada Família, Marx discute o papel histórico do proletariado numa perspectiva ontológica: "... nas condições de vida do proletariado encontram-se condensadas todas as

*condições de vida da sociedade atual no que elas podem ter de mais inumano. No proletariado, com efeito, o homem perdeu-se a si mesmo, mas adquiriu ao mesmo tempo a consciência teórica desta perda; além disso, a miséria que ele já não pode evitar nem mascarar, a miséria que se lhe impõe inelutavelmente – expressão prática da necessidade – obriga-o diretamente a revoltar-se contra tal inumanidade; é por isso que o proletariado pode e deve libertar-se a si mesmo. Ora, ele não pode se libertar sem abolir as suas próprias condições de vida. Não pode abolir as suas próprias condições de vida sem abolir todas as condições de vida inumanas da sociedade atual; o que resume a sua própria situação. Não é em vão que ele passa pela rude mas fortificante escola do trabalho. Não se trata de saber que objetivo este ou aquele proletário, ou até o proletariado inteiro tem momentaneamente. Trata-se de saber o que é o proletariado e o que ele será historicamente obrigado a fazer de acordo com este ser. O seu fim e a sua ação histórica são-lhe traçados de modo tangível e irrevogável pela sua própria situação e por toda a organização da sociedade burguesa atual. Seria supérfluo expor aqui o fato de uma grande parte do proletariado inglês e francês já ter consciência da sua tarefa histórica e trabalhar infatigavelmente para levar esta consciência ao mais alto grau de lucidez"<sup>10</sup>.*

8. Karl MARX, *Miséria da Filosofia*, p. 164.

9. *Ibidem*, p. 165.

10. Karl MARX, *A sagrada família*, p. 54-5.

Conforme o texto demonstra, a missão histórica do proletariado não supõe uma visão escatológica do fim da história (comunismo) tal como pensa GURVITCH, porém, "faz referência às potencialidades históricas de uma classe cujos interesses materiais objetivamente determináveis levam a determinados resultados históricos desde que consigam impor historicamente seus interesses"<sup>11</sup>.

A posição de SANTOS implica no reconhecimento do papel da História numa visão lukácsiana, ou seja, não a história feita por vontades individuais, pois admite certa independência entre forças motoras da história e a consciência psicológica dos homens sobre elas, porém, uma totalidade social movida por contradições, a partir de relações de produção determinadas.<sup>12</sup>

De acordo com os textos de MARX apresentados até o momento, os interesses do proletariado são considerados antagônicos em relação aos da burguesia. Não há qualquer referência à divisão interna de interesse dentro da classe trabalhadora. A lei geral de desenvolvimento do sistema capitalista coloca-a desde o início em oposição radical à classe dos capitalistas. No Manifesto, por exemplo, a luta proletária está voltada para os objetivos imediatos, tendo em vista os interesses futuros do movimento operário. A posição

de MARX sobre este assunto parece conclusiva, e ENGELS, em Contribuição à história da Liga dos Comunistas, reforça-a ao tratar do papel do movimento operário europeu e americano no século passado: "O movimento internacional do proletariado europeu e americano é hoje tão forte que não só sua primeira forma restrita – a liga secreta – como a segunda forma mais ampla – a pública – da Associação Internacional dos Trabalhadores, se tomou um obstáculo para ele, pois, hoje, basta o simples sentimento de solidariedade nascido da consciência da identidade de sua situação de classe, para criar e manter unido entre os operários de todos os países e línguas um só e único partido: o grande partido do proletariado"<sup>13</sup>. Com esta afirmação, a consciência de classe oprimida aparece como o elemento aglutinador dos trabalhadores, favorecendo a união e organização da classe em torno de seus interesses específicos.

### III

A problemática das classes sociais em LÊNIN aparece vinculada às condições concretas de vida e trabalho do proletariado russo, numa dada conjuntura. Num texto de 1919' ("Uma grande iniciativa") onde trata dos "sábados comunistas", ele apresenta sua concepção: "Chama-se classes a grandes grupos de pessoas que se di-

11. Georges Gurvitch. *As classes sociais*.

12. Theotônio SANTOS, *op. cit.*, p. 44.

13. Frederico ENGELS, *Contribuição à história da Liga dos Comunistas*, p. 376.

*ferenciam entre si pelo seu lugar num sistema de produção social historicamente determinado, pela sua relação (as mais das vezes fixadas e formuladas nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo de obtenção e pelas dimensões da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro graças ao fato de ocupar um lugar diferente num regime determinado de economia social”<sup>14</sup>.*

Nesta colocação fica clara a vinculação das classes sociais com um determinado modo de produção, cuja relação dialética se expressa na propriedade/ não propriedade da riqueza gerada num dado sistema de produção. A determinação básica do conceito é de natureza econômica, fato que designa sua origem marxista. Ainda que o próprio MARX não tivesse concluído sua formação, os elementos essenciais de seu pensamento aí estão presentes. Porém, nesta passagem, LÊNIN não incorpora a dimensão política do conceito, o que exigiria uma compreensão mais ampla do papel da estrutura de classes no esquema de dominação vigente na sociedade capitalista.

No texto “Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os sociais democratas”, LÊNIN apresenta de forma mais nítida as condições da for-

*mação do proletariado urbano no desenvolvimento capitalista na Rússia: “O capitalismo converteu os principais ramos industriais em grandes indústrias mecanizadas; ao socializar desta maneira a produção, criou as condições materiais do novo regime e, ao mesmo tempo, uma nova força social: a classe dos operários das fábricas e oficinas, proletariado urbano. Submetida a uma exploração burguesa que por sua essência econômica é a mesma que sofre toda a população trabalhadora da Rússia, esta classe se encontra sem dúvida, em condições especialmente vantajosas quanto à sua emancipação: nada a liga já à velha sociedade baseada totalmente na exploração; as condições mesmas de seu trabalho e de sua vida a organizam, obrigam-na a refletir e permitem-lhe entrar na arena política”<sup>15</sup>.*

Nesta passagem, há uma afirmação da identidade de interesses do proletariado. Certamente as condições de vida e trabalho na Rússia deste período eram bastante diferentes das existentes hoje nos países capitalistas. Porém, a essência da questão permanece: os trabalhadores assalariados são desprovidos dos meios de produção e dos frutos de seu trabalho. Daí que a exploração burguesa se exerce em maior ou menor grau em cada caso. Por outro lado, são as próprias condições de existência dos trabalhadores que criam oportunidade para sua organização e ação de classe.

14. LÊNIN, “Uma grande iniciativa”, p. 150.

15. LÊNIN, “Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os sociais democratas”, p. 201-2.

Em *Que fazer?*, LÊNIN discute as possibilidades da luta operária através do processo de formação da consciência proletária em dois níveis: o econômico e o político. A luta econômica é caracterizada como "luta coletiva dos operários contra os patrões para conseguirem condições vantajosas na venda da força de trabalho, para melhorarem as suas condições de trabalho e de existência. Esta luta é, necessariamente, uma luta profissional, porque as condições de trabalho variam extremamente segundo os vários ofícios e, portanto, a luta pela melhoria destas condições deve, forçosamente ser conduzida por ofícios (por sindicatos no Ocidente, pelas uniões profissionais de caráter provisório e por intermédio de panfletos na Rússia etc.)"<sup>16</sup>.

Esta luta econômica entre operários e patrões se generaliza por todo o sistema capitalista. Obter melhores salários, melhores condições de trabalho, garantia de emprego etc. são reivindicações básicas da classe trabalhadora. Muitas vezes, o impasse criado nessas lutas resulta em greves que expressam o antagonismo entre as partes.

LÊNIN discute o papel das greves para o movimento operário considerando-as de certo modo como o "embrião da luta de classes"<sup>17</sup>. Ele co-

loca de início a seguinte questão: *"Por que a grande produção fabril leva sempre às greves? Isso se deve a que o capitalismo leva necessariamente à luta dos operários contra os patrões, e quando a produção se transforma numa produção em grande escala essa luta se converte necessariamente em luta grevista"*<sup>18</sup>. Nesse sentido, a vinculação entre as greves e a grande produção fabril se explica através das próprias condições de trabalho aí reinantes: baixos salários, desemprego, longas jornadas etc., ou seja, múltiplas formas de opressão que se sustentam até que sejam quebradas pela resistência dos trabalhadores.

Para LÊNIN, as greves caracterizam a união da classe e originam-se *"da própria natureza da sociedade capitalista, significam o começo da luta da classe operária contra esta estrutura da sociedade"*<sup>19</sup>. Ele insiste em afirmar que *"toda a classe capitalista é inimiga de toda a classe operária e que os operários só podem confiar em si mesmos e em sua união"*<sup>20</sup>. Esta idéia de união da classe se afirma nos ensinamentos da greve: *"A greve ensina os operários a compreenderem onde repousa a força dos patrões e onde a dos operários, ensina a pensarem não só em seu patrão e em seus companheiros mais próximos, mas em todos os patrões e*

16. Idem, *Que fazer?*, p. 67-8.

17. Idem, *Sobre as greves*.

18. Ibidem, p. 40.

19. Ibidem, p. 42.

20. Ibidem, p. 44.

*em toda a classe capitalista e em toda a classe operária*"<sup>21</sup>. Considerando-a um dos meios de luta de classe operária, verdadeira "escola de guerra", conclui: "*Assim, as greves ensinam os operários a unirem-se, as greves fazem-nos ver que somente unidos podem agüentar a luta contra os capitalistas, as greves ensinam os operários a pensarem na luta de toda a classe operária contra toda a classe patronal e contra o governo autocrático e policial*"<sup>22</sup>.

Finalmente, relaciona as greves vitoriosas com o nível de consciência dos trabalhadores, o que supõe certa tradição de luta e capacidade de escolher táticas corretas no desencadeamento das greves.

Para LÊNIN, o movimento de massas espontâneo deflagrado na Rússia no final do século XIX refletia apenas o antagonismo entre operários e patrões. Nesse sentido, estava dentro dos limites da luta sindical ou trade-unionista voltadas para a obtenção de melhores condições de trabalho e de vida. Porém, ainda que espontânea, essa luta já possuía a consciência de classe, de forma embrionária. A partir daí, os revolucionários social-democratas deveriam capitalizá-la no sentido de mostrar aos operários o antagonismo entre os interesses do proletariado e os do regime político e social vigente. Como as experiências históricas têm demonstrado certa impossibilidade dos

operários deixados a si mesmos transporem os limites da luta sindical, caberia a uma organização externa à classe operária (partido), sustentada pela teoria marxista, unir-se às experiências espontâneas dos operários, explicando a natureza espoliativa do sistema capitalista. Neste passo, toma-se então possível a passagem da consciência do nível econômico para o político. O partido (consciência de classe) é, pois, a mediação necessária para que o proletariado possa cumprir sua missão histórica de classe.

#### IV

Em LUKÁCS, a identidade de interesses do proletariado aparece na discussão da consciência de classe<sup>23</sup>. Preocupado em responder à questão em dois níveis, ou seja, no entendimento teórico da consciência de classe e de sua função ao nível da luta de classes (sentido prático), ele orienta seu pensamento na direção do proletariado, como a única classe cujos interesses permitem organizar a totalidade da sociedade. Ou seja, está interessado em mostrar a capacidade do proletariado em resolver problemas colocados pelo desenvolvimento histórico.

LUKÁCS mostra as duas classes que se articulam na sociedade capitalista: proletariado e burguesia. Para compreender o processo de formação da consciência de classe, busca a re-

21. *Ibidem*, p. 44.

22. *Ibidem*, p. 45.

23. George LUKÁCS, *História e consciência de classe*.

lação entre esta consciência e a situação de classe no processo produtivo. A consciência de classe burguesa encontra limitações objetivas impostas pela própria produção capitalista, isto é, está impedida do ponto de vista teórico de compreender os problemas referentes à sociedade capitalista (crises econômicas, luta com o proletariado, etc.), pois as soluções destes problemas estão além do capitalismo. Assim, ao atuar enquanto classe, ao nível do processo produtivo, não está consciente deste processo, porém considera-o algo externo a ela, uma vez que conscientizar-se dele significa reconhecer o capital como obstáculo à produção capitalista, o que implica em sua auto-supressão. Desse modo, encobre a essência da sociedade burguesa, elaborando uma história ideológica, uma luta contra a verdadeira consciência de sua situação de classe.

Quanto ao proletariado, seu papel é o de crítico do processo de reificação que envolve a sociedade capitalista. Sua tarefa de "portador do desenvolvimento" é realizada através da ação transformadora, de caráter prático-crítico. A situação de classe leva-o a compreender a sociedade como totalidade concreta e a consciência de classe permite-lhe descobrir a unidade do processo econômico como desenvolvimento global da sociedade, que se aclara cada vez mais com a crise do sistema capitalista.

Numa passagem do texto, LU-

KÁCS apresenta o conceito de consciência de classe numa formulação clara: "*Ao estabelecer-se a referência com a totalidade concreta, de que resultam as determinações dialéticas, supera-se a simples descrição e atinge-se a categoria da possibilidade objetiva. Ao reportar-se a consciência à totalidade da sociedade, descobrem-se os pensamentos e os sentimentos que os homens teriam tido, numa situação vital determinada, se tivessem sido capazes de perceber perfeitamente esta situação e os interesses dela decorrentes, tanto relativos à ação imediata como, em conformidade com esses interesses, à estrutura de toda a sociedade; descobrem-se, portanto, os pensamentos, etc. que são conformes à sua situação objetiva (...). Ora, a reação racional adequada que deve, desta forma, ser adjudicada a uma situação típica determinada no processo de produção, é a consciência de classe. Esta consciência não é, portanto, nem a soma nem a média do que pensam, sentem etc., os indivíduos que formam a classe, tomados um por um. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por esta consciência e não pelo pensamento, etc. do indivíduo; esta ação só pode ser conhecida a partir dessa consciência*"<sup>24</sup>. Em outra passagem, conclui: "*... a consciência de classe não é a consciência psicológica de proletários individuais ou a consciência psicológica (de massa) do seu conjunto (...)* mas o

24. Ibidem, p. 64-5.

sentido tornado consciente da situação histórica da classe<sup>25</sup>.

A colocação de LUKÁCS feita num plano essencialmente teórico permite vincular o proletariado enquanto classe social a uma postura determinada (objetivamente possível) e consciente no modo de produção capitalista. De fato, LUKÁCS se refere a um processo de conscientização que atravessa as experiências cotidianas dos trabalhadores (momento da "falsa consciência") até o momento final, quando a classe operária estiver em condições de assumir sua missão histórica de classe.

V

WEBER<sup>26</sup>, preocupado com a questão da consciência de classe dentro de uma ótica marxista, aponta teses consideradas "objetivistas" quanto ao processo de formação desta consciência. O que discute é o processo de integração social da classe operária dos países capitalistas avançados, refletida ao nível da participação política do movimento operário.

Coloca num primeiro plano a posição de AGHIRI EMMANUEL "(...) *Mas quando a importância relativa da exploração nacional de que uma classe operária é vítima pelo fato de pertencer ao proletariado diminui continuamente*

*em relação à exploração de que se beneficia pelo fato de pertencer a uma nação privilegiada, atinge-se um momento em que o objetivo do aumento do rendimento nacional em termos absolutos se sobrepõe ao da melhoria relativa da parte de cada um. A partir deste instante, o pacto nacional deixa de ser contestado no seu princípio, por violenta e radical que seja a luta pela partilha do bolo*"<sup>27</sup>.

Para WEBER, a colocação de EMMANUEL corresponde a uma concepção da existência de uma "aristocracia operária", com seu potencial revolucionário atrofiado pelo imperialismo. Questiona esta afirmação, discutindo a presença de operários imigrados originários dos países onde a divisão internacional do trabalho gerou o desemprego, os quais substituem o operariado nacional nas tarefas mais difíceis, criando condições para maior tolerância do empresariado em relação aos trabalhadores do país. Sua postura não implica na negação da posição privilegiada do proletariado internacional, porém, isto não significa a existência de uma comunidade de interesses entre burgueses e proletários nos países capitalistas avançados. A base nacional de exploração permanece e, conforme BETTELHEIM, é fonte substancial da acumulação capitalista. Por certo, a exploração dos trabalhadores do Terceiro Mundo é um meio complementar que

25. *Ibidem*, p. 88.

26. Henri WEBER, *Marxismo e consciência de classe*.

27. *Ibidem*, p. 20.

permite à burguesia imperialista oferecer reformas aos trabalhadores dos países industrializados, utilizando-se ao máximo da repressão ao nível ideológico e político.

Ao negar, por um lado, a presença de uma aristocracia operária e, por outro, a transferência de um "proletariado das nações para nações proletárias", WEBER reafirma sua perspectiva de que a crise objetiva do capitalismo desenvolvido acabará por minar a eficácia integradora do sistema de repressão ideológico-política, permitindo um movimento revolucionário do proletariado das nações capitalistas avançadas.

Levantando questões que atingem o cerne da consciência de classe tais como: Que é feito das potencialidades revolucionárias da classe operária? Sobre que forças sociais se pode fundar o projeto socialista? Em que medida o marxismo pode ser responsável pela evolução reformista do movimento operário? Até que ponto se encontra "refutado" por ela? Como justificar a degenerescência reformista do movimento operário?, WEBER inclui na resposta objetivista a estas questões BON e BURNIER<sup>28</sup> e também MARCUSE<sup>29</sup>.

Quanto aos primeiros (BON e BURNIER), WEBER contesta a ligação mecânica que estabelecem entre o comportamento político da classe ope-

rária e a estrutura de qualificação num determinado período histórico. Ambos apontam o progresso técnico levando à imobilização da aristocracia operária através do corporativismo. Ao perder a profissão, o proletariado assume postura reformista, sendo o próprio movimento operário reduzido a pilar institucional do sistema. A transformação social, segundo esses autores passa para a "nova classe técnica" responsável pelo desenvolvimento das forças produtivas da sociedade capitalista.

MARCUSE assinalara o papel anestesiador do neocapitalismo ao satisfazer as necessidades básicas das massas, substituindo a repressão direta pela manipulação eficaz. WEBER responde indicando a ausência de uma análise das transformações do modo de produção capitalista, assim como assinala a presença de pessimismo, fascínio pelo capitalismo avançado na sua fase de expansão do pós-guerra e certa decepção face à fragilidade do movimento operário ocidental. Além disso, para ele, MARCUSE não trata dos conflitos sociais dos países industrializados em época de prosperidade capitalista. Os problemas (poluição, anomia das relações sociais etc.) geram certos núcleos de contestação junto à juventude intelectual e operária que não devem ser subestimados.

Tomando a postura "objetivista" de EMMANUEL, BON e BURNIER e

28. F. BON e M-A. BURNIER, *Classe ouvrière et révolution*, p. 47-8.

29. Herbert MARCUSE, *L'homme unidimensionnel*, p. 36-7. Idem, *Le marxisme soviétique*, p. 23-4.

MARCUSE, WEBER conclui pela presença de postulados comuns: visão objetivista do proletariado como sujeito revolucionário, ocultamento da tomada de consciência de uma classe revolucionária reprimida, minimização da atividade consciente no movimento operário organizado e uma "idade de ouro" do proletariado (primeira fase de industrialização em meados do século XIX), que tornava os operários "naturalmente" revolucionários, fato que hoje não mais ocorre devido às mudanças das condições da classe operária nos países capitalistas avançados.

Sua resposta é bastante elucidativa: "(...) a consciência política de uma classe social não é o reflexo mecânico das condições objetivas e das suas modificações. Resulta de uma multiplicidade de determinações entre as quais a ação de "forças subjetivas" – os partidos e organizações de classe – cujo papel de pedagogia política influencia decididamente o modo como são vistas, percebidas e compreendidas as "situações objetivas". Estas, em si mesmas, não possuem qualquer significação absoluta. O significado de que revestem para esta ou aquela classe é determinado em larga medida pela própria ação de vários representantes ideológicos e políticos. E este papel específico do 'fator subjetivo' na formação da consciência de classe é tanto mais importante quanto mais se trate de uma classe ideologicamente dominada, isto é, uma classe que se apercebe de sua

*própria situação no âmbito e através dos termos forjados pela classe dominante".*

Em seguida, WEBER complementa: "*Da constatação das modificações sensíveis sofridas pela classe operária nas suas condições objetivas não resultam necessariamente conclusões unívocas no que respeita às suas atitudes e potencialidades políticas. Ora, o que procuram fazer os teóricos "objetivistas" é deduzir precisamente dessas diferenças a pretensa moderação política da classe operária. E demonstrar esta moderação, demonstrando essas diferenças. Tal posição conduz a uma análise excessiva e unilateral das diferenças em questão, ou quando muito a descrições mais ou menos pertinentes de situações de fato, mas nunca a uma teoria operatória da revolução política da classe operária, suscetível de analisar de forma rigorosa as razões desta evolução e de exercer sobre ela qualquer influência*"<sup>30</sup>.

Com estas colocações, WEBER destaca a dimensão política minimizada pelos autores acima. Certamente, a postura economicista que predomina nas análises não dá conta de explicar o processo de formação da consciência de classe do proletariado. Todas as teses ficam presas a elementos de caráter material, os quais, apesar de comporem a dimensão objetiva do problema, não conseguem abordá-lo em sua totalidade.

30. Henri WEBER, *op cit.*, p. 18-9.

VI

Alguns marxistas contemporâneos têm-se dedicado ao debate em torno do tema deste trabalho. Os representantes mais expressivos encontram-se radicados na Itália e França. Aqui, destacam-se as contribuições de Rossana Rossanda e Jean-Paul Sartre.

SARTRE<sup>31</sup> considera a classe social heterogênea do ponto de vista da consciência em si, ou seja, aparece como um conjunto de elementos de grupos que define "em fusão" (ex: fábrica em greve). Diz ele: "*O mesmo operário que em seu lugar de trabalho se encontra em grupo em fusão pode estar completamente serializado quando está em sua casa ou em outros momentos de sua vida. Nos encontramos pois, com formas de consciência de classe muito diferentes: por uma parte, uma consciência desenvolvida, por outra, uma consciência quase inexistente e entre ambas uma série de mediações. Por isso, não creio que se possa falar de uma espontaneidade de classe; só é correto falar em grupos produzidos pelas circunstâncias que se criam segundo as situações e que, ao criar-se não encontram não se sabe bem que espontaneidade profunda, senão que experimentam uma condição própria sobre a base de situações específicas de exploração e de reivindicações precisas, experiência durante a*

*qual se pensam a si mesmos de maneira mais ou menos justa*"<sup>32</sup>. Para ele, o grupo em fusão "*pensa a experiência como se apresenta, sem mediação institucional*" – ou seja, sem a mediação do partido. Neste sentido, o partido vive uma contradição: é criado para libertar a classe operária da serialização, mas é o reflexo dela e da massificação das massas, terminando por se opor aos grupos em fusão<sup>33</sup>. Para superar esta contradição ele propõe que o partido seja uma mediação ativa entre os elementos serializados e massificados e receba impulsos dos movimentos e generalize sua experiência também para si.

Para SARTRE, "*a classe operária nunca pode expressar-se totalmente como sujeito político ativo: sempre haverá zonas ou regiões, ou franjas que por razões históricas de desenvolvimento ficarão serializadas, massificadas, estranhas a uma tomada de consciência. Sempre há um resíduo. Atualmente, há uma tendência a generalizar em excesso o conceito de consciência de classe e o de luta de classe como elementos pré-existentes 'a priori' da luta. O único 'a priori' é a situação objetiva de exploração da classe. A consciência só nasce na luta: a luta de classe só existe enquanto existem os lugares onde efetivamente se luta. É certo que o proletariado leva em si a morte da burguesia, é certo que o sistema capi-*

31. Jean Paul SARTRE, Entrevista de Jean Paul Sarte à direção de Il Manifesto.

32. Ibidem, p. 17.

33. Sartre está se referindo nesta passagem à atuação do PCF (Partido Comunista Francês).

talista está minado por contradições estruturais, mas isto não implica necessariamente a existência de uma consciência de classe ou de uma luta de classe. Para que haja consciência e luta é necessário que alguém lute. Em outros termos, no sistema capitalista, a luta de classe é possível em todas as partes, mas realmente só existe onde é exercida efetivamente. Por outro lado, ainda ali onde é exercida difere em função de cada situação (...). Por isso, não é possível nem para a parte da classe operária que efetivamente está em luta falar, salvo teoricamente, de unificação. As greves gerais de vinte e quatro horas organizadas pela GGT são, no melhor dos casos, o símbolo de uma luta unificada"<sup>34</sup>.

Nesta colocação de SARTRE, o conceito de praxis (subjacente) é fundamental. Para que exista consciência e luta é necessário que os agentes sociais (classes) lutem. E isto não ocorre de forma homogênea, mas depende de condições específicas para se efetivar. Por outro lado, a esperada unificação da classe operária está expressa nas experiências grevistas, principalmente nas greves gerais, oportunidade concreta de unificação dos interesses dos vários setores da classe operária.

As experiências grevistas inter-vêm de algum modo na formação da consciência de classe do proletariado. Certamente, essas experiências são

variadas e dispersas, além de constituir apenas uma forma de luta da classe operária, quicá a mais importante. Seu conteúdo pedagógico destacado por LÊNIN, encontra em SARTRE sua reafirmação, à medida que se apresenta como símbolo da unidade da classe, e portanto, momento de expressão dos interesses da classe enquanto uma totalidade.

Não se quer aqui desconsiderar o papel do partido, porém colocá-lo no seu devido lugar, ou seja, conforme a visão sartreana, destacar a sua função de mediador entre os indivíduos da classe, alimentando-se dos movimentos populares e incorporando as experiências destes para si.

Para ROSSANDA<sup>35</sup>, Marx não tem teoria de classe nem de partido. Vê a organização como um instrumento flexível, de caráter prático, admitindo que *"entre o ser e o ser político da classe não há mais que uma diferença prática, no sentido que o segundo (partido) é a forma contingente do primeiro (classe)"*. Quanto à formação da consciência, esta aparece em suas obras vinculada às relações de produção e à luta.

A postura de LÊNIN é analisada por ROSSANDA numa perspectiva diferente da de MARX. O partido (consciência de classe) é externo à classe, e é dirigido por uma vanguarda com a "ta-

34. Jean Paul SARTRE, *op. cit.*, p. 19-20.

35. Rossana ROSSANDA, *De Marx a Marx: classe y partido*.

*refa de encurtar a distância entre condições objetivas, intolerabilidade da exploração e explosão do conflito, informando e formando ao explorado e ao oprimido sobre sua situação real, arrancando-o da ignorância ou resignação, indicando-lhe a possibilidade de uma revolta e ensinando-lhe o método e a estratégia, em síntese, fazendo dele um revolucionário*"<sup>36</sup>. Para MARX, o sujeito é o proletariado, e o objeto, a sociedade; enquanto para LÊNIN o sujeito é o partido, e o objeto, a classe operária.

Esta análise de ROSSANDA é bastante sugestiva para questionar a colocação leninista do papel do partido, ou seja, o papel da vanguarda no processo revolucionário. Certamente, as experiências socialistas contemporâneas têm apresentado distorções resultantes da constituição de um Partido a partir de uma vanguarda revolucionária cristalizada no poder. Conforme KURON,<sup>37</sup> este partido no Leste Europeu tomou-se uma ditadura sobre o proletariado, burocratizada e repressora, e não, a ditadura do proletariado. O movimento polonês do Solidariedade, mobilizando e organizando massas de trabalhadores alheias a qualquer direção partidária, serve de reflexão e ensinamento quanto ao futuro da sociedade socialista.

Segundo essa autora, a questão partido/classe se traduz hoje em dois níveis: a funcionalidade do partido en-

quanto um instrumento político e o debate sobre o estalinismo nas sociedades socialistas européias. A solução parece indicar uma busca da relação "pura" entre a classe e sua expressão política no mecanismo de exploração.

## VII

No Brasil, diversos estudiosos da classe operária têm se preocupado com o tema da consciência de classe. Trabalhos mais recentes, como os de RICARDO ANTUNES<sup>38</sup> e CELSO FREDERICO<sup>39</sup>, oferecem contribuições valiosas para reflexão.

ANTUNES, assumindo uma ótica lukacsiana, compreende o fato de que *"o proletariado não nasce, portanto, com uma consciência de classe verdadeira, captadora da realidade e superadora da imediatidade, mas com uma consciência do seu momento, permeada pela ideologia burguesa (...). A consciência proletária, portanto, é uma longa distância que vai da falsa consciência, presa à ideologia dominante e limitada pela imediatidade, até o máximo de consciência possível que corresponderia à percepção da totalidade concreta e sua possibilidade de superação revolucionária fornecida pelo marxismo, e transforma-se na única classe capaz de destruir o capitalismo e iniciar a transição para a sociedade sem classes. É preciso lembrar a im-*

36. Ibidem, p. 5.

37. J. KURON et alii, *Polônia*. . .

38. Ricardo ANTUNES, *Classe operária, sindicato e partido no Brasil*.

39. Celso FREDERICO, *Consciência operária no Brasil*.

*possibilidade de tal distância ser pensada de forma linear e evolutiva: ela deve ser concebida como um processo com fluxos e refluxos, onde ora são predominantes os momentos da falsa consciência, ora se está próximo da consciência verdadeira*"<sup>40</sup>.

A postura de ANTUNES revela a distância do movimento da consciência operária em trânsito da imediatidade (falsa consciência) para a proposição de um projeto de uma nova sociedade (verdadeira consciência), numa trajetória dialética admitindo avanços e recuos em conjunturas determinadas.

Esta dialética da verdadeira/falsa consciência é abordada por FREDERICO de forma elucidativa: "*É somente quando se faz referência à sociedade como uma totalidade em movimento que a consciência dos operários aparece em seus diversos modos-de-ser. Inicialmente, mesmo quando totalmente presa às tendências reificantes, ela já apresenta uma inquietude e um inconformismo difuso proveniente de sua situação de classe dominada. Como "consciência falsa", a consciência operária é "falsa" em relação ao desenvolvimento social a que ela não consegue imprimir uma direção consciente, e ao qual reage opondo-se somente aos seus efeitos mais imediatos. Mas ela também pode ser "verdadeira" na medida em que age sobre os momentos de*

*uma totalidade, modificando-a. O limite da "falsa consciência" está na possibilidade do operariado conhecer todo o seu objeto: a sociedade capitalista*"<sup>41</sup>.

Reflexo de uma postura também lukácsiana, FREDERICO reafirma a presença de um processo de conscientização que se faz presente, inclusive nas manifestações difusas do operariado ao expressar resistência às forças de dominação às quais se encontra submetido na sociedade capitalista.

Com estas contribuições, um novo caminho se abre nas pesquisas sobre classe operária no Brasil, tendo como referencial as manifestações espontâneas de classe (sabotagem, operação tartaruga, greve, etc.) e a ação orientada por instrumentos de luta de classe (sindicato e partido político) que pressupõem a presença de uma vanguarda capaz de mediar o nível de compreensão teórica da realidade (sociedade capitalista) e o movimento dos trabalhadores em direção a uma nova sociedade.

## VIII

Conforme as colocações feitas no trabalho, a questão da consciência de classe apresenta-se como um ponto polêmico na literatura marxista. De um posicionamento "clássico", como o de LÊNIN e LUKÁCS<sup>42</sup> a trajetória da dis-

40. Ricardo ANTUNES, *op. cit.*, p. 22.

41. Celso FREDERICO, *op. cit.*, p. 29-31.

42. Ambos atribuem ao partido (intelectuais revolucionários) a tarefa de trazer a teoria marxista para dentro do movimento operário, e, ao realizá-la garantem a presença da consciência de classe, uma vez que são considerados seus portadores.

cussão atinge concepções distintas, como as de SARTRE e ROSSANDA. De fato, no posicionamento destes últimos, o debate abre-se numa perspectiva nova. Em SARTRE, a consciência nasce na luta, ou seja, independente da ação do partido. É a vivência da exploração por grupos operários em situações específicas que leva a uma reação a esta situação espoliativa, alcançando uma visão crítica do posicionamento dos empregadores e da ação policial por parte do Estado a serviço dos interesses capitalistas. Ou seja, a classe luta a partir de situações concretas de exploração, expressando reivindicações específicas de cada "grupo em fusão". Isto resulta numa fluidez da consciência operária, numa gradação de níveis de consciência que se apresentam mais desenvolvidos em determinados grupos com uma tradição de luta mais ampla, e menos em grupos ainda não envolvidos na luta de classe.

Como se pode observar, SARTRE não coloca o partido como responsável por esta consciência, porém, como um instrumento capaz de mediar os indivíduos isolados da classe, os grupos em luta, e de absorver as experiências dos movimentos de massa. Esta postura contradiz a de LÊNIN, bastante rigorosa com a necessidade da ação do partido revolucionário para impulsionar a ação da massa operária. Observa-se que SARTRE não nega a

existência de uma vanguarda, porém, não vinculada necessariamente a um partido, mas comprometida com a luta dos trabalhadores. O exemplo das greves gerais como símbolo de união da classe é ilustrativo do posicionamento sartreano, no sentido de enfatizar a ação operária de massa como ponto de referência do processo de conscientização.

Neste sentido, experiências recentes, tais como a própria criação do Partido dos Trabalhadores, no Brasil, serve para exemplificar a concretização da proposta de SARTRE, ficando em aberto a sua capacidade para absorver e alimentar os movimentos populares no futuro próximo.

A colocação sartreana é um convite à releitura de MARX numa perspectiva contemporânea, onde, conforme ROSSANDA, o problema da relação partido / classe necessita passar pela discussão do papel do partido como instrumento político da classe trabalhadora e da presença estalinista nas sociedades socialistas européias.

Certamente, estamos num momento difícil para articular respostas à questão da consciência de classe. No entanto, a postura de SARTRE e ROSSANDA parece indicar uma perspectiva nova para a compreensão da luta operária de nossos dias.

## BIBLIOGRAFIA

- 01 – ANTUNES, Ricardo. **Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil**. São Paulo, Cortez Editora, 1982.
- 02 – BON, F. e BURNIER, M.A. **Classe ouvrière et révolution**. Paris, Seuil, 1971.
- 03 – ENGELS, Frederico. Contribuição à história da Liga dos Comunistas. In: **Obras Escogidas**. Madrid, Editorial Fundamentos, 1975.
- 04 – FREDERICO, Celso. **Consciência operária no Brasil**. São Paulo, Ática, 1978.
- 05 – GURVITCH, Georges. **As classes sociais**. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1978.
- 06 – KURON, J. et alli. **Polônia**. . . Ched Editorial, 1981.
- 07 – LÊNIN. “Uma grande iniciativa”. In: **Obras Escolhidas 3**. São Paulo, Alfa Ômega, 1980.
- 08 – \_\_\_\_\_. “Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os sociais democratas”. In: **Obras Completas**. Buenos Aires, 1969. v.1
- 09 – \_\_\_\_\_. **Que fazer?** Lisboa, Editora Estampa, 1974.
- 10 – \_\_\_\_\_. “Sobre as greves”. In: **Sobre os sindicatos**. Rio de Janeiro, Vitória, 1961.
- 11 – LUKÁCS, George. **História e consciência de classe**. Porto, Publicações Escorpião, 1980.
- 12 – MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- 13 – \_\_\_\_\_. “O 18 Brumário de Luis Bonaparte”. In: **Obras Escolhidas**. Madrid, Editorial Fundamentos, 1975.
- 14 – \_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia**. Rio de Janeiro, Leitura, 1965.
- 15 – \_\_\_\_\_. **A Sagrada Família**. Lisboa, Presença, 1974.
- 16 – MARCUSE, Herbert. **L’homme unidimensionnel**. Paris, Minuit, 1968.

- 17 – \_\_\_\_\_ . **Le marxisme sovietique**. Paris, Gallimard, 1968.
- 18 – ROSSANDA, Rosana. **De Marx a Marx: classe y partido**. Cordoba, Cuadernos de Pasado e Presente, 1976.
- 19 – SANTOS, Theotônio. **O conceito de classes sociais**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- 20 – SARTRE, Jean Paul. **Entrevista de Sartre à direção do II Manifesto**. Córdoba, Cuadernos de Pasado y Presente, 1976.
- 21 – SILVEIRA, Paulo A. **Do lado da história**. São Paulo, Polis, 1978.
- 22 – WEBER, Henri. **Marxismo e consciência de classe**. Lisboa, Moraes Editores, 1977.